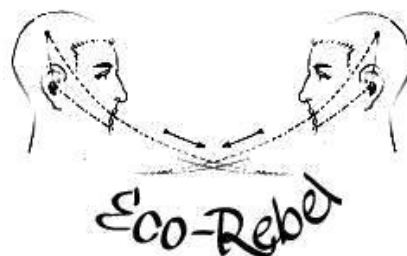


Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 05, n. 02, p. 54-74, 2019.



CONFLUÊNCIAS ENTRE A SOCIOLINGUÍSTICA QUALITATIVA E A ECOLINGUÍSTICA: PRÁTICAS RELIGIOSAS VIRTUALIZADAS

Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/GEPL/NELIM)

Resumo: Este trabalho tem por esteira discutir as possibilidades de aproximação entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística em sua vertente desenvolvida no Brasil, a linguística ecossistêmica. Entrecruzam-se princípios metodológicos e epistemológicos das duas áreas para que se possa evidenciar suas confluências e singularidades, a fim de atestar as afinidades entre os dois domínios do saber, ressaltando sempre que são perspectivas teóricas independentes. Para tanto, apoia-se numa aplicação prática, a fim de visualizar as categorias de análise em sua operacionalidade. Assim sendo, observam-se interações entre usuários da rede social digital *Facebook* que tenham por base a religiosidade. Ressalta-se que, quando transposta para o ambiente virtual, a religiosidade se materializa em práticas religiosas que se reorganizam e se adaptam às ferramentas interacionais disponíveis. Percebe-se que os simulacros virtuais possibilitam reproduzir a realidade e conectar interagentes em diferentes tempos e espaços, mudando as formas de interagir, de agir como indivíduo religioso e de se entender como sujeito de fé, o que implica em fortes mudanças culturais, sociais e históricas, excedendo limites espaço-temporais. O afastamento espacial, a maleabilidade temporal e a ausência de um corpo físico permitem ao indivíduo modelar suas identidades e projetá-las num simulacro, dando forma a novos modos de interagir que não são previstos pela interação comunicativa face a face.

Palavras-chave: Ecolinguística. Sociolinguística. Práticas Religiosas. Virtualidade.

Abstract: This paper discusses the approximation possibilities between Qualitative Sociolinguistics and Ecolinguistics, as it is developed in Brazil, known as Ecosystem Linguistics. We intersect methodological and epistemological principles from these areas, in order to highlight their confluences and singularities, attesting the affinities between the two domains of knowledge, always emphasizing that they are independent theoretical perspectives. Aiming this, we rely on a practical application in order to visualize the analysis categories in operation. Thus, we observed interactions between Facebook users based on religiosity. We emphasize, when transposed into the virtual environment, the religiosity materializes in reorganized and adapted religious practices, according to the available interational tools. We realized that virtual simulations reproduce reality

ECO-REBEL

and connect interactors in different times and spaces, changing the ways to interact, to act as a religious individual and to understand yourself as a subject of faith, which implies cultural, social and historical changes, exceeding space-time limits. Spatial distance, temporal malleability, and the absence of a physical body allow the individual to shape your identities and project yourself into a simulacrum, creating new interaction forms that are not anticipated by the face-to-face communicative interaction.

Keywords: Ecolinguistics. Sociolinguistics. Religious Practices. Virtuality.

Se o ícone dos nossos tempos, a internet, tornou-se também sinônimo de fé, a conexão virtual substitui o religare

(MIKLOS, 2016).

Considerações Iniciais: confluências e bifurcações

A linguística é uma área ampla do conhecimento que abarca diversas perspectivas teóricas e possibilita olhar das mais diferentes formas para as línguas/linguagens, suas características e seus efeitos. Enquanto algumas esferas da linguística se ocupam de questões estruturais apenas, em certos domínios o foco recai sobre as relações humanas estabelecidas em sociedade, observando sua dinâmica interacional e sua complexidade, visando entender o vínculo entre língua e sociedade numa teia de conexões, levando em consideração questões históricas, sociológicas, antropológicas e filosóficas, tornando-se necessariamente multidisciplinares. É o caso tanto da sociolinguística qualitativa quanto da ecolinguística, duas abordagens que confluem teórica e metodologicamente, apesar de se sustentarem individualmente, podendo ser prolíficas quando utilizadas em conjunto. Por isso, este trabalho intenta relacionar as duas teorias, apontando suas afinidades e aplicando de forma prática suas categorias de análise.

0.1 Sociolinguística qualitativa: a interação em contexto

A sociolinguística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014), pode ser definida como uma área do conhecimento que se ocupa de todas as características e das dinâmicas da comunicação (verbal/não verbal) que permeiam as sociedades antropogênicas. Portanto, trata-se da língua em situações reais de uso, sendo uma área multidisciplinar. Suas correntes principais são a dialetologia, a sociolinguística interacional, a sociolinguística variacionista e a sociolinguística qualitativa. Neste trabalho, utiliza-se como base a sociolinguística qualitativa, por ser uma vertente da linguística que, ao se debruçar sobre a práxis social, busca entender os fenômenos linguísticos

ECO-REBEL

por meio do olhar para as crenças, as identidades construídas socioculturalmente e os comportamentos que se constituem dentro de comunidades de fala.

O relativismo cultural e a heterogeneidade linguística, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014), foram conceitos fundamentais para a emergência da sociolinguística, atuando de forma complementar. O relativismo cultural nasce na pesquisa de Franz Boas (que não usa o termo, mas funda seus princípios na antropologia), contribuindo para uma não hierarquização das culturas, afirmando que cada contexto cultural culmina em diferentes formas de expressão. Assim sendo, toda prática humana deve ser vista contra seu próprio pano de fundo contextual. Esse princípio foi aplicado às línguas, evitando qualquer hierarquização e tratando-as dentro de um contexto. Com o tempo, isso se estende para as variedades das línguas ou dos modos de expressão de um falante, dando espaço à heterogeneidade linguística. Esses princípios possibilitam olhar para a língua e sua materialização na realidade como prática social, podendo ressaltar como as diferentes formas de se relacionar produzem diferentes modos de se comunicar. Nota-se isso, por exemplo, pela diversidade linguística existente no Brasil, em que as variações diatópicas (Mussalin & Bentes, 2006) são regulares, em razão de o país possuir extensão continental e grande número de comunidades isoladas que não interagem entre si. No nível lexical, por exemplo, nota-se que a palavra “mandioca” varia entre a região Nordeste (macaxeira) e Sul (aipim). Essas variações podem ser ainda diafásicas, históricas, ou diastráticas, atuando nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico ou pragmático.

A sociolinguística qualitativa nasce no entrecruzamento da sociolinguística interacional, de John Gumperz, com a etnografia da comunicação, de Dell Hymes. A partir dessa junção, entende-se a necessidade de olhar para a língua em contexto, não isolando-a das situações reais em que acontece. A língua se dinamiza entre indivíduos que são falantes e ouvintes em diferentes situações, daí a necessidade de uma abordagem etnográfica que tenha como enfoque as interações. Pensar a etnografia da comunicação, segundo Hymes (1972), implica entender o modo como uma comunidade vive e age, o que abrange suas práticas e ritos, a fim de descrever o modo como a comunicação acontece. Dessa forma, a sociolinguística qualitativa se distancia de uma visão abstrata de língua e se aproxima de sua realização num espaço real, em que o linguista aja como etnógrafo e capture situações contextuais vivenciadas por sujeitos de carne e osso que interagem em eventos comunicativos, podendo observar a olho nu os aspectos linguísticos que se dinamizam numa comunidade. Demanda-se, assim, a compreensão de todos os aspectos que permeiam a

ECO-REBEL

fundação de um grupo social, ou seja, sua cultura, seus valores, sua história e o modo como se relacionam.

De acordo com Bortoni-Ricardo, a etnografia da comunicação surge na intersecção entre linguística, sociolinguística, antropologia e folclore, estando no âmbito da linguística socialmente constituída, ou seja, regida por funções sociais. Esse modelo teórico-metodológico se baseia, portanto, em ir a campo e descobrir, em meio a uma comunidade de fala, como a língua é mobilizada dentro da diversidade etnográfica. Para tanto, o etnógrafo participa da vida da comunidade estudada durante longos períodos, buscando dados que reflitam os aspectos culturais e linguísticos que permeiam o grupo. Dessa forma, a língua precisa ser vista como algo vivo, em ação, em movimento. Ela excede a estrutura abstrata e se organiza como fala, sendo aplicada a certas funções contextualizadas socialmente dentro de uma comunidade. O falante tem sua competência como uma habilidade pessoalizada, que se manifesta em performance. Quando relacionado ao conjunto dos falantes, o indivíduo se torna parte do fluxo que faz com que a língua se mova e se transforme, atuando dentro do contexto social.

Dell Hymes, Segundo Bortoni-Ricardo (2014), baseando-se nas heranças deixadas por Saussure e Chomsky, excede a língua enquanto estrutura abstrata e a língua enquanto processo cognitivo individualizado, acrescentando ao sistema linguístico a capacidade de adequação do falante em relação ao contexto em que está inserido e ao interlocutor, possibilitando a valorização dos aspectos sociais no estudo da linguagem. De acordo com Goffman (2002, p. 17), essa dimensão social deve ser observada como um espaço de adequações, em que o monitoramento é recíproco, possibilitando a interação entre falantes e a produção de sentidos que sejam inteligíveis. Nessa perspectiva, Gumperz (2001) elenca três elementos fundamentais para que a comunicação se estabeleça: a intencionalidade, racionalizada por meio de regras e convenções sociais; a interpretação, enquanto compartilhamento de informação e intenção; e o significado social, tratado como sentido resultante da comunicação, que é contextualizado pelos conhecimentos que os falantes já possuem a partir do pano de fundo sociocultural.

Gumperz (2001), em consonância com os princípios estabelecidos por Hymes na etnografia da comunicação, ratifica a necessidade de lidar com os indivíduos em detrimento de uma visão abstrata de língua/linguagem, dando foco às minúcias que permeiam as interações sociais. Encabeçada por Goffman e Gumperz, de acordo com Bortoni-Ricardo (2014), a sociolinguística interacional se ocupa da organização da interação, atuando no domínio microanalítico da

sociolinguística. Preocupa-se com a ecologia local e situada, enfocando a interação face a face, constituindo um encontro social, em que os interlocutores se comunicam ao distribuir turnos de fala. Ao interagirem, os falantes se adaptam reciprocamente uns aos outros e buscam se adequar ao contexto de interação no qual estão inseridos, a essa dinâmica denomina-se “alinhamento”. A sociolinguística interacional traz em seu esteio a interdisciplinaridade, agregando aos seus estudos a prosódia e a linguística suprasegmental. Nessa perspectiva, a estrutura e a ordem não são pré-determinadas, mas se constituem no momento da interação por meio da complexidade que cerca os interlocutores e suas subjetividades. Na interação e na ação se constituem, portanto, os papéis e as funções sociais. Para tanto, língua e contexto são tratados como elementos consubstanciais e as estratégias de produção e de contextualização das mensagens são focalizadas. Para Gumperz (2001), o contexto se expressa na interação por meio de pistas contextuais que sinalizam a inteligibilidade da comunicação e seu grau de adequação ao evento comunicativo, atuando por meio de traços na estrutura dos enunciados que localizam o interlocutor no que está sendo dito, textual e contextualmente, dando forma a um processo dialógico. Pressupõe-se, portanto, a existência de uma lógica interna que orienta as interações sociais, regulando-as. A sociolinguística interacional se debruça sobre as normas que orientam essa lógica interna da interação.

Dessa forma, ao condensar as visões de Gumperz e Hymes, a sociolinguística qualitativa olha para a língua e evidencia a situação, o contexto, as pessoas que interagem e de que forma interagem, dando especial atenção às pistas contextuais que direcionam a interação comunicativa e ao fazer etnográfico que propicia um estudo ativo e participativo.

0.2 Ecolinguística: os ecos da interação comunicativa

A Linguística Ecolinguística, enquanto vertente da Ecolinguística, é descrita por Couto (2015), precursor dessa teoria no Brasil, como o estudo que relaciona língua e meio-ambiente por meio de uma perspectiva que é acima de tudo ecológica, buscando, nas interações, observar a manifestação da comunicação, olhando para a língua em relação às comunidades de falantes, pois há uma pressuposição recíproca entre o existir-vida-humana e o existir-língua (interação). Partindo de uma perspectiva que prima pela harmonização constante das relações, pensa-se na língua como o conjunto das interações, uma teia que se edifica no contato interpessoal e, como assegura Couto (2007), nasce, cresce e morre na conexão com o outro.

ECO-REBEL

É Einer Haugen, porém, em 1972, quem funda as bases do que se chama nos dias de hoje de Ecolinguística por meio da publicação da obra “*The ecology of language*”. Couto (2007) afirma que esse é o texto que dá forma à Ecolinguística em seus moldes contemporâneos, pois define o que é a “ecologia da língua” enquanto “[...] estudo das relações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente”. A fim de definir a noção de meio ambiente, Haugen estrutura uma visão que incorpora os âmbitos natural, social e psicológico, demonstrando que a cultura de um povo e o modo como se organiza numa rede de relações é que constitui o meio ambiente do qual se fala e sua dinâmica:

A definição de meio ambiente poderia levar alguém a pensar primeiramente no mundo referencial ao qual a língua proferiria um índice. No entanto, isso não é o meio ambiente da língua, mas de seu léxico e gramática. O verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos. A língua existe somente nas mentes de seus usuários, e só funciona relacionando esses usuários uns aos outros e à natureza, isto é, seu meio ambiente social e natural. Parte de sua ecologia é, portanto, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngues ou multilíngues. Outra parte de sua ecologia é sociológica: suas interações com a sociedade na qual funciona como um meio de comunicação. A ecologia da linguagem é determinada primordialmente pelo povo que a aprende, usa e transmite a outros (HAUGEN, 2016, p. 58).

Haugen (2016) demonstra como a mente individual se entrelaça num conjunto complexo de redes que dão forma à sociedade, entendida como a conexão com o outro, proporcionando a produção de sentidos em meio aos organismos e ao espaço físico que os envolve. Dessa forma, desenvolve-se uma visão em relação à visão estruturalista que se debruça sobre aspectos estruturais da língua, enfatizando os processos psíquicos e sociais que são parte inerente da interação comunicativa.

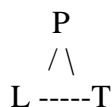
O que deve ficar mais claro é que o principal foco da ecologia da linguagem não é o ambiente físico e social ou mesmo a cultura, mas o povo que movimenta uma língua, que vive num ambiente físico e social e que dinamiza e transforma uma cultura.

Couto (2007) define a Ecolinguística como “o estudo das relações entre língua e meio ambiente”, demonstrando seus aspectos multidisciplinares, excedendo os limites dos estudos ambientais e tomando como foco o estudo das várias linguagens inseridas em ecossistemas linguísticos antropogênicos. A noção de meio ambiente é entendida como o lócus em que acontece a interação comunicativa.

ECO-REBEL

Entende-se a Ecologia enquanto a ciência que estuda as interações entre os seres vivos num ecossistema. Partindo desse pressuposto, podem-se conceber as relações humanas como constituintes de um ecossistema linguístico baseado na capacidade de comunicação por meio de uma língua. De acordo com Couto (2009), ao fazer apontamentos basilares para a fundamentação da Ecolinguística, as interações em meio ao ecossistema da língua podem se apresentar enquanto relação organismo-mundo, em que se criam representações do meio ambiente que envolve uma comunidade de indivíduos, numa dinâmica de referenciação, ou enquanto relação organismo-organismo, da qual decorre a comunicação, como produção de sentidos entre interlocutores. Para que esse ecossistema linguístico tome forma efetivamente, é necessário que três elementos existam e se conectem, são eles: língua, população e território.

Segundo Couto (2007), o ecossistema linguístico só é possível numa realidade em que um povo (P), vivendo em um território (T), interaja por meio de uma língua (L). Para explicar essa dinâmica de forma didática, o autor concebe a seguinte representação:



Ao elaborar o triângulo do ecossistema linguístico, Couto (2007) esclarece que, a relação entre língua e território é indireta, por isso, a linha pontilhada os liga, sendo conectados por meio da população que se comunica num meio ambiente e sobre ele.

O ecossistema linguístico é entendido ainda como ecossistema integral da língua, na medida em que integra três instâncias da realidade para que possa tomar forma: a instância natural/física, em que se desenvolvem as relações físicas, corpóreas; a instância mental, em que se estabelecem os processos psíquicos e a capacidade de simbolizar o mundo; e a instância social, em que se assumem certas identidades e se criam relações hierárquicas, ordenando a sociedade e seus valores. A relação entre essas esferas dá forma ao ecossistema linguístico em sua integralidade, sendo indissociáveis na interação comunicativa prototípica, ou seja, na interação face a face.

Dentro do espectro da Ecolinguística, a teoria sistêmica se insere na concepção de ecossistema linguístico, na medida em que integra as partes que compõem o todo e que estão dispersas em outras visões de mundo que não a ecológica. Retomam-se os elementos que fazem parte do conjunto total do ecossistema e delineiam-se suas relações como uma rede que possibilita

a interação comunicativa enquanto fenômeno natural do próprio ecossistema linguístico, estando subordinado às regras interacionais que permitem criar sentido no contato com o outro por meio da comunicação.

Apesar de existirem regras gerais que regularizam as interações, é necessário salientar que cada interação num ecossistema linguístico é singular, dada a diversidade e a complexidade desse sistema. O fato de a interação estar inserida num ambiente que contém regularidades não cria uma dinâmica de regulação baseada na repetição dos eventos comunicativos. Pelo contrário, as regras instauradas pelas regularidades apenas orientam princípios para a comunicação, estabelecendo certos processos interacionais que estão atrelados à cultura de um povo e aos modos como, na conversação, compartilham-se sentidos.

0.3 Sociolinguística qualitativa e ecolinguística: intersecções e singularidades

A fim de entender as afinidades epistemológicas entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística, parte-se do olhar para a língua/linguagem enquanto prática social, como parte das relações humanas em comunidade, comparam-se perspectivas teóricas e categorias conceituais para que se possa perceber em que pontos confluem e em que pontos se dissociam.

A princípio, retoma-se a noção de ecossistema linguístico, como já mencionada, para que se possa utilizá-la como lastro para as duas perspectivas teóricas aqui comparadas. A ecolinguística, como propõe Couto (2015), recorta ecossistemas linguísticos para que possa estudá-los, delimitando-os ao triangular um povo, que vive em um mesmo território e interage por meio de uma língua/linguagem específica, o que pode se dar em uma esfera macro (um estado, uma região, ou um país) ou microscópica (uma interação comunicativa entre dois interagentes). Dessa forma, dois tipos de interação são possíveis. A primeira delas é a interação entre organismo e mundo, que se encontra no âmbito da significação ou referenciação, a segunda é a interação entre os próprios organismos, que se insere no âmbito da comunicação. Nas duas esferas da interação pode-se observar componentes físicos, mentais e sociais que contribuem para a constituição do indivíduo enquanto parte de um fluxo interacional, ou seja, na alternância de posições entre falante e ouvinte que, segundo Couto (2013), constroem dialogicamente o contato, na busca por harmonizar¹ a interação com o objetivo de manter a conexão entre um EU e um TU.

¹ A desarmonia também é prevista pela ecolinguística. Ela se faz ver em situações de altercação, desentendimentos e confrontações, mas não reflete a interação comunicativa prototípica, tendendo à descomunhão, ou seja, a afastar os indivíduos que estão se relacionando via língua/linguagem.

ECO-REBEL

Se por um lado a ecolinguística vê a interação comunicativa como um fluxo natural desenvolvido por interlocutores em busca de harmonizar suas relações, por outro lado a sociolinguística qualitativa, com base nas premissas da sociolinguística interacional, percebe a língua/linguagem como ação estratégica, desenvolvida, modelada e constantemente reorganizada. Ou seja, o uso constrói o espaço da interação, o que vai de encontro aos princípios da ecolinguística, contrapondo, porém, as noções de falante e ouvinte, por vê-las como papéis estáticos que não refletem a dinâmica da interação e os papéis dos atores sociais envolvidos, que mobilizam discursos em função de se apropriarem de identidades no momento da interação.

Essas constatações iniciais não refletem, no entanto, a complexidade das duas teorias, mas seus pontos de vista em relação à dinâmica do fluxo interacional. O falante e o ouvinte, para Couto (2007), são formas de simplificar a nomeação dos participantes da interação, mas não são estanques nesses papéis, são indivíduos complexos que mobilizam diferentes linguagens a fim de produzirem sentidos em interações com outros indivíduos. Dessa forma, a língua, na perspectiva ecolinguística, é definida como uma forma de interação, não podendo ser reificada como se fosse um instrumento para que a interação aconteça. Nesse sentido, a língua/linguagem, na ecolinguística, pode ser definida como um sistema constituído por uma série de subsistemas (da fala, da escrita, sinestésicos, paralinguísticos, entre outros) que se dinamizam, se constroem e se modificam na interação, conectando indivíduos de um ecossistema linguístico.

Assim sendo, a ecolinguística levará em consideração, para além do código da língua, o estilo, as oscilações da fala, o tempo, a entonação, o tom, a ação, a dinâmica do dizer como um todo, tratando esses elementos como parte natural do fluxo interacional. Por outro lado, a sociolinguística não percebe os elementos proxêmicos e paralinguísticos como partes de uma mesma ação interacional, tratando-os como aparatos complementares que possibilitam aos atores sociais produzirem certos sentidos.

Para Gumperz (2001), os elementos paralinguísticos se encontram no âmbito das pistas contextuais, já explicitadas anteriormente. Essas pistas atuam como indicadores dentro das interações para que os atores se alinhem uns em relação aos outros, sendo compartilhadas pelo grupo social e possibilitando que façam inferências ou que facilitem a reprodução do que querem dizer. Elas podem ser pistas linguísticas, não vocais, paralinguísticas ou prosódicas. A separação dessas categorias permite ao pesquisador que atua no campo da sociolinguística qualitativa isolar uma estratégia contextual e estudá-la individualmente, de acordo com a sua relevância nos dados

ECO-REBEL

que emergem num certo contexto, o que para a ecolinguística não é possível, na medida em que as linguagens mobilizadas em uma interação devem ser observadas como um conjunto que não se dissocia.

A noção de “face” dentro da sociolinguística qualitativa se faz importante na reflexão sobre o aspecto da polidez (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), ou seja, das práticas utilizadas pelos atores sociais para manter a harmonia na interação e para preservar a visão positiva construída publicamente no desenvolvimento de suas práticas verbais e não verbais. Para Goffman (2002), a face deve ser monitorada a todo tempo com o intuito de transparecer aos interlocutores um modo de ser, refletindo certas identidades em detrimento de outras e adaptando constantemente o comportamento do ator social ao contexto.

Na ecolinguística, as categorias da sociolinguística qualitativa acima discutidas são observadas dentro do evento comunicativo, estando atreladas ao fluxo interacional. Para entender e estudar esse fluxo, apoia-se numa lista de itens propostos por Couto (2013) que dão forma às regras interacionais constitutivas de uma interação comunicativa prototípica (proximidade, direcionamento físico dos interlocutores, direcionamento do olhar, reciprocidade, harmonização, tonalidade, respeito ao turno alheio, reiteração do interesse no que é dito, uso de certas normas linguísticas em detrimento de outras). A fim de entender essa dinâmica no complexo relacional do ecossistema linguístico, Couto (2007) desenvolveu a ecologia da interação comunicativa (EIC), objetivando destrinchar as peculiaridades do evento comunicativo a partir de suas regras interacionais, enquanto regularidades associadas diretamente à cultura de uma comunidade, que estabelecem e refletem valores nos modos de interagir e permitem compartilhar sentidos de forma inteligível. Além disso, um dos focos da Ecolinguística está, especificamente, nas regras sistêmicas, que são parte das regras interacionais e refletem as normas que conduzem os usos da língua em uma comunidade.

A EIC é vista, por isso, como o cerne da linguagem, em razão de abarcar os modos de interagir comunicativamente dos interagentes e a produção e compartilhamento de sentidos que dela decorrem, sempre levando em consideração sua pertença a um ecossistema linguístico que se divide em diferentes âmbitos da realidade.

Tanto o estudo da EIC, na ecolinguística, quanto a etnografia da comunicação, de Hymes, demandam um olhar que focalize as interações na prática, sendo o pesquisador um agente ativo e participativo da pesquisa, em contato com a realidade que estuda, sem abstraí-la, para que consiga

ECO-REBEL

entender os elementos que compõem a cultura, a história e os modos de interagir comunicativamente de um povo.

Portanto, nota-se que as categorias de análise da sociolinguística qualitativa se encontram, em parte, nas regras interacionais mobilizadas pela linguística ecossistêmica e atuam como regularidades que têm validade para as interações comunicativas de forma geral (COUTO, 2013), o que não impossibilita a existência de regras específicas que são dependentes do contexto em que se desenvolve a interação.

O que guia as interações comunicativas nos dois domínios do saber demarca uma diferença significativa entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística. Enquanto a primeira se centra no contexto em que a interação acontece, levando em consideração aspectos culturais, históricos, empíricos e sociais na produção dos sentidos e dos comportamentos dos atores que modelam o diálogo em processo, a segunda tem como foco os indivíduos em interação e o modo como a dinamizam por meio de solicitações e satisfações que determinam como o fluxo interacional se desenvolve, a depender do estabelecimento e da manutenção de um ambiente comunal por meio da articulação das regras interacionais. É necessário dizer que as regras interacionais gerais servem de lastro para que se possa aferir as dissonâncias em interações comunicativas específicas, entendendo-as não como desvios, mas como possibilidades de relações não previstas.

Os conceitos de *frame* e *footing* não são contemplados pela ecolinguística. Em outras palavras, a ecolinguística não se atenta para os enquadres (*frames*) de interpretação das mensagens, ou seja, para as formas de interpretar por meio do contexto situacional que é dado pelos aspectos verbais e não verbais que permeiam uma interação. Além disso, não se atenta para os alinhamentos (*footing*), que seriam efeitos resultantes dos enquadres nos interagentes, que assumem determinada postura em relação ao Outro, à sua face e ao discurso que mobiliza, gerenciando a interação (GOFFMAN, 2002).

Mesmo que não seja possível comparar todos os aspectos dos dois domínios do saber, contrapuseram-se o que se elegeu como os principais tópicos a serem comparados entre as duas teorias, permitindo vislumbrar, mesmo que brevemente, suas confluências e singularidades, a fim de entender distanciamentos e aproximações existentes entre as duas bases epistemológicas.

Partindo do que foi discutido até aqui, apresenta-se na próxima seção uma pequena introdução sobre a interação comunicativa virtualizada, a fim de preparar o caminho para que o leitor adentre a aplicação prática na seção seguinte.

1. DO CHÃO ÀS NUVENS: A VIRTUALIZAÇÃO DA INTERAÇÃO COMUNICATIVA

Existem diferentes tipos de interação comunicativa e eles devem ser levados em consideração no momento de desenvolvimento de um estudo no campo da ecolinguística ou da sociolinguística qualitativa, pois modificam drasticamente os modos de interagir. A descrição das características de uma interação comunicativa é fundamental para entender a qual tipo de interação ela pertence. A forma mais prototípica de interação é a interação comunicativa face a face, em que falante e ouvinte são intercambiáveis e dialogam num mesmo espaço e num mesmo tempo, mobilizando para tanto diversas regras interacionais que permitem produzir sentidos e manter a comunicação. Distanciando-se desse padrão comunicativo, encontra-se a interação comunicativa virtual, que se baseia nos princípios de desterritorialização e de virtualização das interações. Sendo assim, o território enquanto espaço físico é eliminado e dá lugar a um complexo interacional virtual. Forma-se um simulacro virtual, estruturado como uma projeção de uma realidade diferente do mundo físico, em que os falantes se constituem em avatares criados por eles mesmos. A virtualidade ainda permite criar um espaço em que as verdades produzidas e os modos de agir e interagir são próprios da interação comunicativa virtual e estão limitados às ferramentas disponibilizadas pela rede social digital que liga os usuários.

Bortoni-Ricardo (2014) afirma que, enquanto a macrosociolinguística se ocupa de grandes levantamentos, abrangendo questões mais gerais, como classe, faixa etária, gênero, nacionalidade, escolaridade, história de uma língua, seus domínios, grau de letramento, políticas públicas e educacionais em relação à língua e todos os âmbitos que permeiam uma macroanálise social, a microsociolinguística se encarrega do que é deixado à parte, ou seja, das interações sociais, configurando um universo microanalítico da realidade social, em que devem ser levadas em consideração todas as regularidades que direcionam o que pode ou não ser feito ou dito, englobando formas de dizer, formas de se posicionar, gesticular, expressar emoções por meio da face, manter certa distância, etc. São também levadas em consideração as características do evento comunicativo, como posições sociais ocupadas pelos participantes e caráter da interação (pessoal ou transacional). Esses itens foram tratados por Goffman como estruturas gramaticais das interações e são fortemente desenvolvidos dentro do campo da sociolinguística interacional, estando localizados nos estudos reproduzidos no âmbito da microsociolinguística. Assim sendo, justifica-se aliar os estudos ecolinguísticos aos estudos microsociolinguísticos em função de

entender a dinâmica das interações comunicativas nas redes sociais digitais, a fim de demonstrar as afinidades entre as duas teorias mobilizadas aqui.

Na medida em que surgiram, no fim do século XX e no início do século XXI, tecnologias da comunicação e da informação capazes de conectar pessoas em diferentes tempos e espaços, tomou forma um novo modo de comunicação, um nível diferente no qual a interação comunicativa acontece, produzindo uma abstração em relação ao espaço físico. A ruptura estabelecida no ecossistema linguístico é derivada de um processo de desterritorialização, que provoca uma quebra nesse ecossistema ao excluir do triângulo um de seus elementos fundamentais, o território, retirando, por consequência, a instância física de sua integralidade, ou seja, extraindo as relações físicas e corpóreas presentes nas interações entre organismo-organismo e organismo-mundo. Apesar de desestruturar o ecossistema linguístico, a interação comunicativa não é impedida, sendo estabelecida em redes sociais digitais por meio de ferramentas interacionais, que permitem emular aspectos físicos num ambiente virtual, compensando sua ausência. Por consequência, a interação comunicativa virtual pode ser entendida como um modo abstrato de interação, uma maneira de se comunicar que pode ser estudada pela ecolinguística e pela sociolinguística qualitativa por meio da comparação entre o nível mais prototípico de interação linguística (face a face) e o afastamento em relação a ele. Desse modo, a interação comunicativa virtual pode ser vista como uma extensão de diversos ecossistemas ou comunidades de fala, criada para conectá-los num ambiente virtual.

Toma forma, portanto, um modelo comunicacional que se distancia do que é prototípico (interação comunicativa face a face), tendendo a afastar os indivíduos em interação, na medida em que eles não precisam se encontrar no mesmo lugar ou no mesmo tempo de fala.

A partir do exposto, pretende-se, na próxima seção, apresentar uma aplicação prática que exemplifique a relação possível entre a ecolinguística e a sociolinguística qualitativa, trazendo categorias que auxiliem na interpretação daquilo que os dados evidenciam. Por ser um exemplo e não o centro deste trabalho, os conceitos não foram mobilizados em toda a sua profundidade e a análise não se realizou de maneira extensiva, mas de forma representativa para que se possa enxergar na prática o que se constatou na teoria.

2. O SAGRADO EM PIXELS: A VIRTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

De acordo com Bortoni-Ricardo (2014), as redes sociais são formadas por grupos de pessoas que contêm qualquer tipo de vínculo, demarcando socialmente sua posição enquanto

ECO-REBEL

unidade em oposição a outros grupos e, em razão disso, produzindo identidades. Essas redes podem apresentar tessitura miúda, em que há maior frequência na interação de um conjunto de pessoas, potencializando a regularização de normas específicas dentro do grupo, mas podem ser também redes de tessitura larga, quando o grau de interação entre os integrantes do grupo é menor, fazendo com que as normas variem com mais intensidade. Esse conceito é utilizado na sociolinguística para aprimorar a definição de comunidade de fala, podendo focar grupos específicos relacionados em rede e observar a dinâmica da manutenção e da mudança de certas regras linguísticas. Esse processo pode ser decorrente da acomodação, que demanda ajustes da fala para que o indivíduo se adeque ao seu interlocutor, em um movimento de convergência (a divergência também pode ocorrer, quando o falante marca sua identidade em oposição aos demais). Sendo assim, o falante se adequa a regras que acredita serem seguidas por todos que o cercam, tornando-o parte da rede social. Essa dinâmica é decorrente da identificação e da aproximação em relação a grupos de referência que obedecem certas normas, tornando-se referencial. É importante lembrar que as redes sociais, em geral, não são exclusivas nem estanques, elas são móveis e se sobrepõem, na medida em que falantes participam de diferentes redes sociais e transitam por elas.

Todos os princípios explicitados por Bortoni-Ricardo (2014) em relação às redes sociais são refletidos nas redes sociais digitais, porém, os fluxos interacionais se tornam mais dinâmicos e mais velozes, pois se encontram desterritorializados e virtualizados, abrindo espaço para a maleabilidade espaço-temporal nas interações comunicativas entre os usuários. Dessa forma, em um primeiro plano, observa-se a importância do território físico, do qual o corpo faz parte, para a existência de um ecossistema antropogênico, já que sua ausência conduz diretamente a uma mudança drástica nos modos de interagir e à necessidade de se desenvolverem novas mecânicas e ferramentas num espaço em que o indivíduo se encontra projetado como avatar, conduzindo, principalmente, à reformulação na esfera das regras interacionais, que precisam ser reconstituídas para suprir a ausência corpórea e emular da melhor forma possível a interação comunicativa prototípica, a fim de manter e expandir as redes sociais, que passam a se dispersar no tempo e no espaço.

Para esta análise, tomou-se como enfoque a rede social digital *Facebook*, que é considerada, atualmente, a mais utilizada em todo o mundo, tendo por objetivo conectar usuários e propiciar o compartilhamento de informações em grande escala, construindo assim um espaço

ECO-REBEL

social expandido na vida dos atores, culminando na produção de novos comportamentos que têm implicações políticas, sociais e emocionais. Um dos enfoques do *Facebook* é a conversação, trazendo ferramentas de texto para que os usuários possam interagir e adicionando outras ferramentas para possibilitar a produção de sentidos que só seriam possíveis por meio de elementos proxêmicos e paralinguísticos, por exemplo. É o caso do botão para reagir a publicações, do botão para compartilhar postagens, dos gifs animados, dos memes, enfim, de elementos multimodais que suprem a ausência do corpo num movimento de transposição da realidade física para a realidade digital, que tende a produzir novas convenções sociais. Pensando na noção de regras interacionais, formulou-se o conceito de ferramentas interacionais, enquanto o conjunto de instrumentos disponibilizados por uma rede social digital para que os usuários possam interagir comunicativamente, regendo os fluxos interacionais e os atos de interação comunicativa virtuais, atuando regularmente dentro do ambiente virtual e produzindo diferentes sentidos.

A dinâmica sistêmica que perpassa os grupos sociais no ambiente virtual conduz à reconstrução e adaptação constante dos sentidos. De acordo com Habermas (1984), as redes sociais digitais se configuram como esferas públicas da interação, em razão de propiciar um espaço comum, democrático e aberto à participação, produzindo uma integração entre a vida, as atividades que nela se desenvolvem e as redes digitais. Constitui-se, assim, uma rede interacional complexa, composta por indivíduos que incorporam avatares e se projetam num ambiente virtual para que possam interagir, simulando consciências, dando forma a um simulacro.

Nesta análise, toma-se como objeto a transposição das práticas religiosas cristãs da realidade física para a realidade digital, buscando evidenciar como esse movimento modifica a religiosidade, entendida enquanto relação com algo transcendental, que demarca identidades e constitui a face dos atores sociais. Optou-se por focalizar o cristianismo em detrimento de outras religiões em função de ser a vertente religiosa mais difundida no Brasil e, por isso, ser mais representativa e produtiva diante do presente escopo.

Para alcançar tais objetivos, partiu-se de uma proposta metodológica que tem como base as abordagens da sociolinguística qualitativa e da ecolinguística, constituindo um estudo empírico, em que inicialmente se desenvolveu uma espécie de etnografia virtual, observando diariamente durante duas semanas a utilização de ferramentas interacionais do *Facebook* que tivessem como foco a expressão da religiosidade materializada em práticas religiosas cotidianas. Oito indivíduos e duas páginas que não identificam autoria foram observados. Selecionaram-se exemplos

ECO-REBEL

representativos desses comportamentos, focalizando os usos variados das ferramentas interacionais dispostas na rede social digital. Dentre as características dos usuários que mais se destacaram, a participação majoritária das mulheres em postagens de cunho religioso é o dado que possui maior evidência e que talvez esteja atrelado à necessidade conservadora de proteção da face feminina imposta por uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero, que demanda das mulheres uma postura de apagamento/abdicação em relação aos prazeres da vida e dedicação a uma vida ascética de pureza que lhe confira valor positivo na sociedade.

Na primeira postagem a ser analisada, nota-se o uso da linguagem multimodal, incluindo a linguagem verbal escrita, a imagem de fundo e a iconicidade, para expressar uma série de sentidos. Esses recursos são predominantes em postagens de páginas de cunho religioso que, conseqüentemente, são altamente compartilhadas por fiéis. A página Poderoso Deus segue a vertente protestante do cristianismo e se debruça no compartilhamento de pensamentos e reflexões sobre a religiosidade.



Figura 1. Exemplo de prática religiosa no *Facebook*

Inicialmente, identificam-se os elementos que compõem a interação, sendo o primeiro deles a imagem de fundo, que mobiliza e convida os usuários que curtem a página a interagir comunicativamente na postagem. A imagem toma conta da maior parte da tela e apela para a emoção e para o asceticismo inerentes aos princípios do cristianismo, trazendo a figura de Jesus

ECO-REBEL

em sofrimento, coroado de espinhos, em que predominam os tons de preto e branco que causam uma sensação melancólica, quebrada apenas por um mancha vermelha no canto inferior direito da imagem, que é uma cor associada simbolicamente ao amor e ao sacrifício. Essas cores se projetam nos ícones presentes no enunciado de forma coerente, associando a morte de Jesus (cruz) ao sacrifício e o coração ao amor, enquanto o sinal de igual é utilizado para criar uma relação de pressuposição entre o sacrifício de Jesus e o amor. Esse sentido é reforçado pelos dizeres que seguem e que atestam que “o amor é Alguém”, nesse caso, o próprio Jesus. Essa inferência é dada a partir do *frame* em que a postagem é compartilhada, sendo a autoria da postagem associada a uma página que tem como enfoque a religiosidade cristã e os elementos que constituem o enunciado, reforçando esse sentido.

Algo que se destaca em publicações desse tipo e que se prolifera nas comunidades de fala cristãs estabelecidas nas redes sociais digitais é a solicitação de curtidas e compartilhamentos como forma de legitimação da crença ou da ligação com o sagrado, substituindo as orações ou a prática de rezar. O número de curtidas e compartilhamentos, como se pode verificar na figura 1, é sempre maior do que o número de comentários. Esse fato demonstra que, demarcar a face do usuário por meio de identidades construídas com base em postagens compartilhadas no perfil pessoal é uma atitude constante e a interação comunicativa em grupos sociais cristãos parece se centrar em dizeres de legitimação da face.

Ao curtir, o usuário passa a interagir no fluxo interacional sem utilizar palavras, apenas demonstrando sua reação diante do que foi postado. Na figura 1, os usuários reagiram de duas formas, utilizando o botão padrão “curtir” e o botão “amei”, o que demonstra uma relação harmoniosa dentro da comunidade, pois existem ainda as opções: “Haha”, uma reação a postagens cômicas; “Uau”, uma reação de surpresa; “Triste”, uma reação de tristeza; e “Grr”, uma reação de raiva ou indignação diante da postagem. O que se nota é que a ferramenta interacional “curtir” é uma maneira de dar visibilidade a quem curte, demonstrando seus sentimentos em relação ao que é exposto nas redes sociais digitais e demarcando, assim, sua face, além de confirmar o recebimento da mensagem e, no caso das práticas religiosas, reafirmar sua fé.

Curtir uma postagem é uma forma de constituir a face e, ao mesmo tempo, de protegê-la, na medida em que o enunciado não é produzido pelo usuário que curte, mas por um terceiro. Ele apenas ratifica o que é dito e toma parte de acordo com a sua reação, legitimando, por consequência a face alheia, criando uma teia de relações que fundamenta a existência de uma comunidade virtual.

ECO-REBEL

O estabelecimento de uma comunidade virtual por meio dessas interações, por um lado, os separa de outras comunidades, tornando-os únicos e, por outro lado, unifica, aglomerando os usuários como um grupo, mesmo que não interajam diretamente entre si. Essa dinâmica emerge nas redes sociais na medida em que se configuram como espaços públicos, em que os usuários coexistem, demarcam identidades e pertencimento. Ao curtir comentários, como se verifica na figura 1, os usuários apoiam e demonstram concordância em relação ao que é dito pelo outro, sem que precisem dizer novamente.

O compartilhamento das postagens é uma das ferramentas interacionais mais utilizadas e possui um valor diferente do ato de curtir. O usuário parece tomar para si o dizer, principalmente em relação a práticas religiosas, é como se ele não só respondesse ao que é dito por outro, mas enunciasse de fato, dando visibilidade ao que foi postado, principalmente se a postagem reforça a face que o usuário constrói para si. Dessa forma, o ator social tem a possibilidade de aferir a aceitação positiva ou negativa de sua face de forma material e objetiva, pois o número de curtidas, os tipos de reações em suas postagens e o número de compartilhamentos atestam status social e relevância em relação ao enunciado.

Por último e não menos importante, a ferramenta interacional de comentários utiliza a linguagem verbal para estabelecer uma interação e desenvolver, de fato, um fluxo conversacional entre os usuários. Os comentários são transmitidos ao autor da postagem e a uma audiência invisível, podendo ser públicos, abertos a todos os usuários do *Facebook*, restritos aos contatos de quem realizou a postagem ou exclusivos a um número limitado de pessoas selecionadas pelo autor da postagem. O comentário demanda maior esforço e elaboração por parte de quem diz, promovendo a dinamização do fluxo interacional, como se nota na figura 2.



Figura 2. Exemplo de fluxo interacional nos comentários

Na figura 2, a postagem foi compartilhada num perfil particular e teve maior repercussão nos comentários, ou seja, um número maior de usuários se engajou a fim de responder ao que estava dito no enunciado. Essa postagem, especificamente, reflete outra prática religiosa regular em comunidades de fala cristãs, que é o compartilhamento de trechos bíblicos acompanhados de uma imagem composta por símbolos revigorantes, que refletem tranquilidade, e de uma saudação. Nota-se que a autora se dá ao trabalho de evidenciar sua própria voz fora da postagem, apesar de ecoar os sentidos que perpassam a imagem, essa reiteração demarca a face da usuária como indivíduo religioso, cristão e parte relevante da comunidade, já que possui um nível elevado de curtidas e compartilhamentos em suas postagens.

Ao se engajar num comentário, o usuário aumenta o risco para a sua face, na medida em que toma a autoria do enunciado para si, não sendo apenas um eco do que foi dito por um ator pressuposto, correndo o risco de que seu comentário, por meio de um compartilhamento, acabe se distanciando vertiginosamente do *frame* original da conversação e seja distorcido.

Ao observar os comentários da figura 2, percebe-se que os usuários tendem a responder à solicitação mesmo que não tenha sido direcionada diretamente a eles, podendo retribuir a saudação, o que indica uma relação de cordialidade, respondendo por meio de uma prática religiosa como o uso de “amém”, a fim de legitimar o senso de pertencimento à comunidade cristã por meio de dizeres convencionais e, por último, respondendo de forma elaborada, como no caso de João,

ECO-REBEL

que reage à saudação, correspondendo-a, deseja benesses à autora da postagem e ainda evoca um terceiro ator para o fluxo interacional, marcando-o na postagem e incluindo-o no diálogo.

O que se pode notar, portanto, é que as relações humanas se adaptam as redes sociais digitais, o que inclui a religiosidade e sua materialização na forma de práticas religiosas, que se virtualizam e ganham novos sentidos, levando à constituição de novos comportamentos. Além das páginas de cunho religioso, já existem igrejas virtuais, sites que jogam búzios online e grupos religiosos fechados, o que evidencia como os espaços digitais se tornaram uma extensão dos espaços públicos físicos. Apesar de estarem num outro nível de interação comunicativa, as redes sociais digitais têm grande influência sobre a movimentação do ecossistema linguístico, sua dinâmica reestrutura as relações sociais e modifica aspectos da vida em todos os seus níveis.

Considerações finais

O estudo aqui proposto intenciona ser uma abertura para a relação prolífica entre a sociolinguística qualitativa e a ecolinguística, tendo como foco demonstrar suas confluências e singularidades. É necessário lembrar que a ecolinguística tem, em parte, suas raízes na própria sociolinguística, que é uma teoria com muito mais tempo de maturação e desenvolvimento. Nota-se que os dois domínios do saber trabalham, muitas vezes, com as mesmas categorias, apesar de utilizarem nomenclaturas diferentes, excedendo a visão estanque de que os indivíduos têm posições fixas na interação comunicativa e estão restritos a um “eu” e a um “tu” pressupostos, escapando, assim das abstrações. As duas teorias se baseiam na análise prática para que possam observar os fenômenos da linguagem. A sociolinguística qualitativa coloca em foco os contextos interacionais, relacionando língua e sociedade, enquanto a ecolinguística se debruça sobre as interações comunicativas, dando foco às relações estabelecidas entre povo, língua e território, dentro de um ecossistema linguístico que é, ao mesmo tempo, físico, mental e social. Percebe-se, portanto, que, a sociolinguística qualitativa se debruça especificamente sobre a relação entre linguagem e sociedade, enquanto a ecolinguística atua num âmbito mais geral de investigação, olhando para o seu objeto em sua integralidade, de forma holística. Sendo assim, a sociolinguística se torna uma potencial aliada poderosa para trabalhar em conjunto com a ecolinguística.

Acredita-se no potencial de integração da ecolinguística e da sociolinguística qualitativa e espera-se que outros estudos venham a ser desenvolvidos entrecruzando as perspectivas social e ecológica, a fim de estudar a linguagem em suas diferentes formas e manifestações.

Referências:

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COUTO, H. H. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. **Linguística, Ecologia e Ecolinguística**: contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 14, n. 1. 2013.

_____. Linguística Ecolinguística. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)**. v. 1, n. 1. 2015. pp. 47-81. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967>> Acesso em 21 de setembro de 2019.

GOFFMAN, E. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GUMPERZ, J. J. **Interactional Sociolinguistics**: A Personal Perspective. 2001.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society**. Boston, Beacon Press, 1984.

HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. In: COUTO, E.N.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. (org). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B. HOLMES, J. **Sociolinguistics**. London, Penguin, 1972.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da Conversação**. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MIKLOS, J. O sagrado nas redes virtuais: a experiência religiosa na era das conexões – entre o midiático e o religioso. In: BELLOTTI, K. K.; CUNHA, M. N. (Orgs.) **Mídia, Religião e Cultura**: percepções e tendências em perspectiva global. Curitiba: Editora Prisma, 2016.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

Aceito em 21/09/2019.